

# A elocução no tribunal da inquisição

Luiz Antonio Ferreira

## Considerações iniciais

O primeiro nasceu em 1532, na Itália, em Montereale, uma pequena aldeia nas colinas do Friuli, a vinte e cinco quilômetros de Pordenone. Chamava-se Domenico Scandella, mas todos o conheciam como Menocchio, o moleiro. Seria até hoje um ilustre desconhecido não fosse o magistral trabalho de Carlo Ginzburg (1987) que o revelou para o mundo. Encerrado em uma pequena aldeia, Menocchio sustentou seus sete filhos com o rendimento de dois moinhos arrendados e, provavelmente por saber ler, escrever e somar, ocupou dois cargos importantes em sua região: magistrado (*podestá*) de sua aldeia e dos vilarejos em redor e, administrador (*cameraro*) da Paróquia de Montereale. Foi, como afirma Ginzburg (1987), um homem singular, bem diferente do camponês típico de seu tempo. Era também singular no ato de interpretar os poucos livros que lera e a pergunta de Ginzburg é importante para nossos propósitos: “em que medida a cultura predominantemente oral daqueles leitores interferia na fruição do texto, modificando-o, remodelando-o, chegando mesmo a alterar sua natureza?”<sup>1</sup> A questão que advém dessa pergunta é também interessante: qual pode ser a consequência do gesto interpretativo?

O segundo nasceu em 1564, em Pisa, então parte do ducado de Florença, na Península Itálica. Galileo di Vincenzo Bonaiuti de Galilei, diferentemente de Menocchio, é mundialmente famoso por seus estudos inovadores: foi um astrônomo, físico e engenheiro, referenciado como “pai da astronomia”. A pedido de seu pai, um músico, iniciou o curso de Medicina, mas, encontrou sua vocação no estudo da matemática e da filosofia natural. Estudou também “disegno”, um termo que englobava belas artes. Em 1586, publicou um pequeno livro sobre o projeto de uma balança hidrostática que havia inventado (o que o levou à atenção do mundo acadêmico) e, em 1588, obteve o cargo de instrutor na “Accademia delle Arti del

---

1 Ginzburg, 1987, p. 29.

Disegno”, em Florença. Em 1589, foi nomeado para a cátedra de Matemática em Pisa. Em 1592, transferiu-se para a Universidade de Pádua, onde ensinou geometria, mecânica e astronomia até 1610, quando foi chamado pelo grão-duque de Florença para mudar-se para Médice e assumir o cargo de matemático da corte com o elevado ordenado de 1.000 florins-ouro<sup>2</sup>.

O que une a história desses dois conterrâneos de classe e formação tão diferentes? A capacidade inventiva e a acusação de heresia. Menocchio inventou uma estranha cosmogonia<sup>3</sup> e a divulgou por onde quer que fosse. Galileu possuía grande capacidade de observação e seu gênio inventivo o levou a defender o modelo heliocêntrico e a escrever o *Diálogo Sobre os Dois Máximos Sistemas do Mundo* (1632). Por suas palavras e crenças, os dois foram considerados hereges pelo Tribunal da Santa Inquisição e levados a julgamento. Menocchio, loquaz e teimoso, foi condenado à fogueira. Galileu precisou negar publicamente seus pontos de vista e viveu em prisão domiciliar até a sua morte, em 1642.

Entre os dois há o discurso e os modos de elocução. Deixar-se ver pelo discurso é uma forma de exercitar, pelo ato retórico, uma impressão sobre o mundo. É a palavra que dá valor ao discurso, que propaga a dialética e imprime o *ethos* no seio social. Por meio dela que se infunde a *doxa* e, embora se articule em nós, é vítima inexorável da autoridade do auditório. Nesse sentido, o orador conforma-se, ou não, ao *habitus* da sociedade em que vive seu auditório com o propósito de movê-lo, quer pela exaltação da razão – faculdade humana constitutiva de “verdades” no discurso – quer pela fecundidade imensurável de paixões que podem ser mobilizadas em um ato retórico (*actio*). De modo definitivo, então, em retórica, um homem é pelo que deixa transparecer em seu discurso<sup>4</sup>. A despeito do que diga, possui um “estilo” que ultrapassa o dizer e o torna reconhecível ainda que minta.

---

2 Scott, 2019.

3 “Eu disse que segundo meu pensamento e crença, tudo era um caos, isto é, terra, ar, água e fogo juntos, e de todo aquele volume em movimento se formou uma massa, do mesmo modo como o queijo é feito do leite, e do qual surgem os vermes, e esses foram os anjos. A santíssima majestade quis que aquilo fosse Deus e os anjos, e entre todos aqueles anjos estava Deus, ele também criado daquela massa, naquele mesmo momento, e foi feito senhor com quatro capitães: Lúcifer, Miguel, Gabriel e Rafael. O tal Lúcifer quis se fazer de senhor, se comparando ao rei, que era a majestade de Deus, e por causa dessa soberba Deus ordenou que fosse mandado embora do céu com todos os seus seguidores e companhia. Esse Deus, depois, fez Adão e Eva e o povo em enorme quantidade para encher os lugares dos anjos expulsos. O povo não cumpria os mandamentos de Deus e ele mandou seu filho, que foi preso e crucificado pelos judeus”. E acrescentou: “Eu nunca disse que ele se deixara abater feito um animal” (foi uma das acusações feitas contra ele; em seguida admitiu que talvez pudesse ter dito qualquer coisa do gênero). “Eu disse bem claro que se deixou crucificar e esse que foi crucificado era um dos filhos de Deus, porque todos somos filhos de Deus, da mesma natureza daquele que foi crucificado. Era homem como nós, mas com uma dignidade maior porque pode fazer. Aquele que foi crucificado nasceu de São José e da Virgem Maria.” (Ginzburg, Carlo. *O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Tradução por Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 37).

4 Ferreira, 2021, p. 100.

O objetivo deste texto é mostrar os efeitos possíveis do uso da palavra na elocução quando o orador se encontra diante de um auditório particular, autoritário e irredutível e quando o tema resvala em dogmas instituídos e crenças inabaláveis.

## Elocução, oradores e auditórios

Diante de auditórios resistentes, o reconhecimento intelectual e afetivo do orador é sempre submetido ao contexto social, político e religioso em que se situa e à posição institucional ocupada. Falar é também reconhecer que as vozes são institucionalizadas e hierarquizadas no ato retórico. Fala-se, pois, de um lugar previamente determinado pela força institucional. Assim, a palavra pode ser vista como um exercício político por excelência e, embora as paixões gritem para que digamos o que queremos dizer, esse desejo pode, em muitos casos, suplantando o bom senso exigido pelo contexto retórico e revelar um *ethos* apenas apaixonado e não necessariamente equilibrado. A presença visível do orador se dá na *elocutio*, a terceira parte do sistema retórico e corresponde a estilo, a “falar abertamente”.

Em grego, estilo é *lexis* e carrega no sentido três elementos: pensamento, palavra e fala<sup>5</sup>. Se na *inventio* e na *dispositio* o orador pratica sua capacidade inventiva e encontra os meios de organizar o que pensou, na *elocutio* aparece em primeiro plano o seu modo de trabalhar o *logos* e o *pathos* no discurso. A maneira mais explícita de o orador fazer ecoar o poder das palavras está no modo como as emprega no discurso, na maneira como trabalha adequadamente em um ato retórico. Em sentido técnico, a elocução é a redação do discurso retórico. Mais do que uma questão estilística, envolve o tratamento da língua em sentido amplo, abrange o plano da expressão e a relação forma e conteúdo: a correção, a clareza, a adequação, a concisão, a elegância, a vivacidade, o bom uso das figuras com valor de argumento. Como componente teórico operacional, mantém relação de sucessividade com a *dispositio*<sup>6</sup>. Como sempre se fala para um auditório e os humores dos ouvintes não são sempre os mesmos, o estilo deve levar em conta a pertinência da palavra para o auditório e isso implica versatilidade e percepção da conveniência (*prepon, decorum*).

Pela palavra, também, espraiamos nosso mundo de pensamentos, de compreensão de realidades, de entendimento de nossa comunidade e entrelaçamos emoções e racionalização em nossas relações sociais. Não se trata, pois, apenas de ecoarmo-nos oralmente ou por escrito. Entendida como produto de uma vocação humana, a palavra, por virtude histórica, não só indica as coisas do mundo, mas carrega toda espécie de sentimentos e regula o tipo de relacionamento que o homem quer manter com seus semelhantes. Possuir um estilo de ser e dizer é resgatar a historicidade da voz no ato retórico: a linguagem em uso. A *elocutio*,

---

5 Corbett e Connors, 2002, p. 463.

6 Ferreira, 2010, p. 116.

pois, é o componente mais externo de um movimento bem maior: a vocalidade, uma ação atávica da voz, um efeito discursivo que ultrapassa o limite da palavra para a conquista de um outro espaço significativo em que todo corpo se envolve no dizer, de forma menos ou mais consciente, numa dependência direta da capacidade persuasiva do falante. A vocalidade, então, possui um percurso histórico que nasce na percepção de si e, gradativamente, se traduz em inteligência: a elaboração mental dos fenômenos do mundo. É pela inteligência que o homem interpreta, reveste de coerência e sentido o que, a princípio, era apenas sensação. A vocalidade, entendida como produto histórico de verbalização de si, exige ação humana inteligente e consciência de fala: propriedade de combinações dos poderes da língua para transmitir ideias novas e precisas que atingem e podem mover a mente do outro.

Se a percepção é um instinto para adquirir uma arte, a vocalidade, ao exteriorizar o poder inestimável do verbo, é o exercício da própria arte retórica, aquela que admite a racionalidade e o percurso das emoções em nós de forma previamente articulada, aquela que analisa o dizer para revelar o humano ou esconder o desumano em nós. É pela vocalidade que mostramos nosso “jeito” de expressão em momentos singulares, nossa propriedade de, por meio de formas adaptativas, congrega os homens em decisões de toda ordem, nem sempre fáceis em função da complexidade do estar no mundo.

Nosso estilo, se pensado como vocalidade, é inescandível. Nas polêmicas ou na simplicidade do dia a dia, nossa vocalidade nos irmana e nos diferencia. A *elocutio* é a parte do cânone retórico que mais exalta a retórica como arte e, simultaneamente, como um conjunto de técnicas artísticas ou argumentativas de que o orador se vale para angariar “autoridade” por meio da própria voz. A vocalidade (e a *elocutio* como parte intrínseca), então, é vista como um recurso retórico que, associado a outros recursos (também retóricos) de demonstração de personalidade e caráter do orador (*phrónesis, areté, eunoia*), atribuem ao próprio orador um poder simbólico que constitui e mantém seu *ethos*.

A elocução, então, é a parte do ato retórico que exige do orador a conjugação de três elementos fundamentais da retórica: *ethos, pathos e logos*. A racionalidade é articulada no *logos*, termo que, durante séculos, significou palavra escrita ou falada, verbo, discurso. A partir dos estudos de Heráclito de Éfeso (540 a.C. - 470 a.C.), filósofo pré-socrático, passou a ter o conceito de razão ou exercício da razão. Em sentido amplo, todo discurso se constrói em torno de um tema que é problematizado e gera questões.

O *logos* é um espaço discursivo propício para a demonstração das estratégias persuasivas adotadas pelo orador para impressionar positivamente o auditório e demonstrar, de modo explícito ou não, pela linguagem, sua capacidade de enfatizar, ilustrar, confirmar, negar ou corroborar ideias. No *logos* imbricam-se, indissociavelmente, a força argumentativa do orador, os sentidos explícitos ou implícitos, figurativos ou literais da linguagem utilizada para atingir, por força da criação da verossimilhança, o acordo com o auditório.

*Pathos*, por sua vez, refere-se às emoções e paixões despertadas no auditório. Por força do conviver, os homens estão envolvidos em múltiplas tonalidades do sentir: amam, odeiam, tornam-se esperançosos, desanimados, calmos ou desesperados, revelam e escondem desejos. Entre o prazer e o desprazer cotidianos, o ser humano modula a intensidade de suas paixões pelo que acredita ser justo, injusto, moral, imoral, certo, errado, belo e feio. É justamente aí que reside a força do *pathos*, entendido como a habilidade do orador de despertar o auditório para as emoções pretendidas e decorrentes de seu discurso.

Por fim, o *ethos*, considerado por muitos estudiosos como a mais importante das provas retóricas, implica vocalidade e virtuosidade. Na perspectiva aristotélica, no *ethos* reside a força de autoridade que se impõe ou não sobre o auditório, pois se liga a um processo de apresentação do orador diante de ouvintes (ou leitores) identificados por características universais ou particulares e, quando o ato retórico é adequadamente dirigido, como um recurso de identificação que provoca adesão e acordos favoráveis às intenções persuasivas do próprio orador. De modo amplo, *ethos* é a revelação, no ato retórico, do poder moral do orador. Os caminhos constitutivos da credibilidade e da confiança no orador exigem artifícios (*ethos* é representação) para que o orador imprima a si próprio no ato retórico.

Nesse aspecto, estilo é efeito, resultado obtido pelo discurso, e seu fim, como entendiam os gregos, é criação de uma impressão de si, elaborada pelo próprio orador e no próprio discurso para mostrar-se digno de confiança. Encontrar traços de honestidade e de virtude é o desejo natural de um auditório. Por isso, a credibilidade, como afirma Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.), é conseguida de modo eficiente quando o orador mostra em seu discurso que possui equidade (*epieikeia*), senso de justiça, imparcialidade, isenção, neutralidade. Nesse sentido, *ethos* liga-se, na origem, a um princípio moral, que expõe virtudes no discurso e revela um jeito de difundir as concepções do existir de modo reto e aceitável socialmente (ética).

Se considerarmos o *ethos* como um exercício da vocalidade intencional de um orador sobre um auditório, podemos levar em conta três fatores interligados e interferentes que se amalgamam para a conquista da eficácia retórica e que, aqui, resumimos em três verbos fundamentais: ser, saber e poder. E essa é a direção que tomaremos em nossa reflexão a seguir.

## O teatro do poder e o espetáculo do castigo

### a) Ser

Primeiramente, é necessário tentar entender as duas personagens aqui tratadas à luz de seus biógrafos para, depois, refletirmos sobre como o *ethos* de cada um deles se reflete nitidamente na elocução e como se dão, no discurso, as relações possíveis entre ser, saber e poder. Considerados hereges e obrigados a comparecer e declarar-se diante das autoridades da Inquisição, tanto Galileu quanto Menocchio

precisaram mostrar-se publicamente e vincularam seu dizer a uma estratégia discursiva ligada à conveniência, sempre com uma intenção humana que busca atingir a confiança e provocar o fazer-saber para fazer-querer e, por fim, fazer-fazer. Esses eram os movimentos retóricos que precisavam ser seguidos pelos dois conterrâneos para demover a Inquisição de imputar-lhes a pena de morte.

Tanto para Menocchio quanto para Galileu, pois, era, com todas as letras, necessário argumentar para continuar vivendo. Como oradores, é sempre possível valermos-nos de um conjunto de diversas técnicas argumentativas encadeadas criteriosamente para fazer sobressair um raciocínio que se revele plausível e capaz de provocar a adesão do auditório a uma causa. Vale ressaltar, porém, que todo esforço técnico para bem argumentar não se desvincula das condições psíquicas e sociais em que se encontra o auditório: há um contato necessariamente intelectual, indutivo ou dedutivo, mas muitas vezes insuficiente para mover o outro a favor de uma causa pretendida. Quando a racionalidade argumentativa está em jogo, estão também em ebulição as emoções que funcionam, tanto no orador quanto no auditório, como pilares no processo persuasivo e decisório. Desse modo, razão e emoção são inseparáveis quando se evocam raciocínios para a tomada de uma decisão que envolva o agir social do outro. Assim, a elocução realça o verbo “ser”: sou assim e penso dessa maneira. A despeito do ser, é preciso saber como mostrar-se e essa virtude encontra-se na elocução empreendida.

## **b) Saber**

Menocchio, um camponês impetuoso, inventivo e corajoso, viveu toda sua vida em uma pequena aldeia. Seus conterrâneos o descreviam como um homem que não se envergonhava de pregar e dogmatizar: “Discute sempre com alguém sobre a fé, até mesmo com o pároco”. Afirmava para quem quisesse que não reconhecia, na hierarquia eclesiástica, uma autoridade essencial em questões de fé: “Que papa, prelado, padres, qual o quê!”; “O que é que vocês pensam, que Jesus Cristo nasceu da Virgem Maria? Não é possível que ela tenha dado à luz e continuado virgem”<sup>7</sup>.

Menocchio impunha seu estilo vigoroso para qualquer auditório e, de tanto discutir e argumentar pelas ruas e tavernas da cidade, acabou se contrapondo à autoridade do pároco. Para Ginzburg (1987), só conseguiu expressar-se como fez, em função de dois eventos históricos fundamentais: a invenção da imprensa e a Reforma. A primeira permitiu que encontrasse nos livros uma forma de confrontá-los com a tradição oral em que havia crescido e encontrar o espaço para “organizar o amontoado de ideias e fantasias que nele conviviam”<sup>8</sup>. Por outro lado, a Reforma o impulsionou a corajosamente comunicar o que pensava ao padre do vilarejo, a

---

7 Ginzburg, 1987, p. 44.

8 Ginzburg, 1987, p. 33.

conterrâneos e até a inquisidores. A questão central no comportamento retórico de Menocchio, porém, está na falta de um filtro de seleção e adequação ao auditório:

Na praça, na taverna, indo para Grizzo ou Daviano, vindo da montanha – ‘não se importando com quem fala’ (...) ele geralmente encaminha a conversa para as coisas de Deus, introduzindo algum tipo de heresia. E então discute e grita em defesa de sua opinião<sup>9</sup>.

Como se percebe, Menocchio não negociava distâncias e sua fala provocava uma tensividade retórica que podia assustar o auditório. Afinal, em tempos de Contrarreforma, nem todos ousavam dizer o que queriam e revelar o que ouviam. Com frases como “os padres nos querem debaixo de seus pés e fazem tudo para nos manter quietos, mas eles ficam sempre bem”<sup>10</sup>, o moleiro ia tecendo desacordos e suscitando polêmicas. Frases que exploravam o gênero epidítico eram muito comuns no discurso de Menocchio, pois dele se valia para censurar e raramente elogiar, a fim de ressaltar o belo ou o feio de atos ligados à moralidade humana: “E vocês padres e frades, querem saber mais do que Deus; são como o demônio, querem passar por deuses na terra, saber tanto quanto Deus da mesma maneira que o demônio. Quem pensa que muito sabe é que nada sabe”<sup>11</sup>. Ginzburg afirma que a defasagem entre os textos lidos por Menocchio e o modo como ele os assimilou e a eles se referiu aos inquisidores indica que suas posições não são redutíveis ou remissíveis a um ou outro livro, mas, sim, reentram numa tradição oral antiquíssima e evocam uma série de motivos elaborados por grupos heréticos de formação humanista: a tolerância e a tendência em reduzir a religião à moralidade. Como afirma Ginzburg, ainda que Menocchio tenha entrado em contato, de maneira mais ou menos mediada, com ambientes cultos, “suas afirmações em defesa da tolerância religiosa, seu desejo de renovação radical da sociedade apresentam um tom original e não parecem resultado de influências externas passivamente recebidas”<sup>12</sup>. O que se ressalta é a forma como Menocchio assimilou uma cultura camponesa, interpretou o que leu e assumiu uma postura ativa diante do conhecimento e, assim, por força de sua historicidade inevitável e de sua vocalidade impetuosa, construiu seu estilo e, no discurso, escancarou a elocução e a pintou com tintas fortes no instante da *actio*.

Vivendo num ambiente de conspirações e murmúrios, como se podia esperar, em 28 de setembro de 1583, quando tinha 52 anos, foi denunciado ao Santo Ofício, sob a alegação de ter pronunciado palavras “heréticas e totalmente ímpias” sobre Cristo. Em 7 de fevereiro de 1584, foi submetido a um primeiro interrogatório. Mesmo

---

9 Ginzburg, 1987, p. 41-42.

10 Ginzburg, 1987, p. 41.

11 Ginzburg, 1987, p. 52.

12 Ginzburg, 1987, p. 30.

aconselhado por seus amigos a conter seus ímpetos, o moleiro demonstrou-se muito loquaz e defendeu-se pela atribuição de suas falas à tentação demoníaca: “mas aquelas palavras que eu disse antes eu dizia por tentação, porque acreditava nelas e queria ensiná-las aos outros; era o espírito maligno que me fazia acreditar naquelas coisas e ao mesmo tempo me instigava a dizê-las aos outros”<sup>13</sup>.

O moleiro, embora cheio de ideias, paixões e convicções, não praticava a mediania, parecia não entender que revelar-se pelo discurso implica também enfrentar situações polêmicas, aprofundar virtudes que realcem a honestidade, a benevolência, a equidade, a amabilidade, a solidariedade com o auditório e, em muitas situações de ação retórica, organizar (*dispositio*) a veemência patética que move o dizer (*elocutio*) e praticar, simultaneamente, os três propósitos básicos do ato de discursar para um auditório: ensinar, comover ou agradar. A preocupação de Menocchio era sempre ligada ao *docere*, uma irrefreável tentativa de ensinar, a despeito das reações do auditório.

Em sua impetuosa visão de mundo, apenas realçava, com ênfase exagerada, que não se conformava com o *habitus* da sociedade em que vivia. Encontrava dificuldades para mover o auditório, pois seu estilo impetuoso o afastava da adequação. Não conseguia ajustar seu dizer e dirigir-se ao auditório quer pela exaltação da razão – faculdade humana constitutivas de “verdades” no discurso – quer pela fecundidade imensurável de paixões que podem ser mobilizadas em um ato elocutivo. Se o estilo é produto da vocalidade e da historicidade, as estranhas afirmações orais de Menocchio se apresentam como uma sequência múltipla e fragmentada por inúmeros e heterogêneos discursos, esfacelados por falhas de raciocínio, hiatos, silêncios e gritos. O resultado no enunciado é uma colcha de retalhos de pensamentos cosidos em um único discurso, intrigantemente conduzido pela memória retalhada, incompleta, partida, entremeada de esquecimentos e de lembranças, mas capazes de constituir um estilo singular, diferenciado daquele do camponês de seu tempo. Menocchio construiu seu próprio estilo, sua própria elocução, e não o criou pelos cânones da retórica, mas, sim, por uma inevitável incursão nos limites do que conseguia saber e pensar dentro de outro limite inescapável: o de sua cultura, o de suas leituras enviesadas e o da mentalidade oral de seu tempo e lugar.

Por praticar tanto a *elocução* como a *actio* de forma hiperbólica, demorou para entender que é a *performance* de um orador que provoca a convicção do auditório e, como afirma Aristóteles na Retórica “a disposição dos juízes resulta ora do estado em que conseguimos colocá-los, ora das disposições que eles conferem aos que falam, ora, finalmente, da demonstração que lhes foi apresentada”<sup>14</sup>. Sua elocução e *actio* causaram tanto impacto que, durante o inquérito preliminar, diante das estranhas opiniões ouvidas de Menocchio e das testemunhas, o vigário-geral

---

13 Ginzburg, 1987, p. 46.

14 Aristóteles (Ret., Livro III, cap. 1), 1979, p. 173.

perguntara se Menocchio estava falando “sério” ou “brincando” e, em seguida, se era são de mente. Em ambos os casos a resposta foi muito clara: Menocchio estava falando “sério” e “dentro de sua razão [...] não estava louco”<sup>15</sup>. Mas, percebemos, não era o *logos* que o guiava, mas, sim única e totalmente o *pathos*. Quis impactar o auditório de tal modo que arranhou seu *ethos* e escancarou seu estilo impetuoso. Daí em diante, sempre foi visto com desconfiança.

Nesse plano, como percebemos, a inteligência, essa aptidão intelectual singular, traduz-se, indissociavelmente, em vocalidade. É preciso repertório histórico, no plano dos processos gerais e comuns, para revelar compreensão do mundo, capacidade de adaptação às mudanças das circunstâncias, capacidade de resolver problemas sem violência, extrair inferências, raciocinar sobre si e sobre o outro para, enfim, persuadir. Galileu, como mostraremos, se valeu dessa propriedade para obter, ainda que parcialmente, sucesso em sua defesa.

Menocchio já tinha trinta e dois anos quando Galileu nasceu, em Pisa, no ano de mil quinhentos e sessenta e quatro. O moleiro, digno representante da cultura oral, viveu boa parte de sua vida em uma aldeia entre as montanhas. Galileu era um homem da escrita, cidadão, consagrou-se como o ilustre cientista que prestou contribuições para diferentes áreas do conhecimento e seus estudos impulsionaram a ciência moderna.

Não se tem notícia de que Menocchio, embora soubesse ler e escrever, tenha deixado registro escrito de sua forma de ver o mundo, a não ser pela confissão feita à Santa Inquisição e que trataremos neste capítulo. O saber de Galileu era outro: ousado e corajoso, publicou, em 1610, um manuscrito com suas observações astronômicas realizadas com um telescópio: *Sidereus Nuncios* (O Mensageiro das Estrelas) para descrever suas observações surpreendentes, feitas com o novo telescópio, das fases de Vênus e das luas de Júpiter. O livro ganhou repercussão e entre 1610 e 1616, Galileu participou de debates teológicos e defendia que as Sagradas Escrituras não poderiam ser interpretadas literalmente. Ainda nesta etapa, publicou, em 1612, o *Discurso em Torno às Coisas que Estão sobre a Água ou que Nela se Movem*, que é o marco do fim das investigações mecânicas de Galileu, dominantes no período anterior (1592 a 1610). Entre 1616 e 1632, Galileu continuou sua defesa de um conhecimento científico independente de influências externas. Defender o heliocentrismo era, porém, perigoso para o astrônomo e seus seguidores. A obra ganhou repercussão e, em 1613, Cristina de Lorena (ou de Florença) questionou o conteúdo da obra de Galileu e apresentou objeções com base na Bíblia. Galileu, então, escreveu duas cartas, que circularam livremente pela Península Itálica, para defender o modelo heliocêntrico com base em argumentos científicos e para mostrar que a teoria copernicana não contradizia as passagens da Bíblia. As descobertas iniciais de Galileu, porém, se contrapunham à posição da Igreja. Homem determinado, o cientista escreveu uma carta a Johannes Kepler, em agosto de 1610,

---

15 Ginzburg, 1987, p. 47.

para queixar-se de que alguns dos filósofos que se opunham às suas descobertas se recusaram até a olhar através de um telescópio:

Meu prezado Kepler, desejo que possamos rir da estupidez notável do rebanho comum. O que você tem a dizer sobre os principais filósofos desta academia que estão cheios da teimosia de uma víbora e não querem olhar os planetas, a lua ou o telescópio, apesar de eu ter oferecido livre e deliberadamente a oportunidade mil vezes? Verdadeiramente, assim como a víbora fecha seus ouvidos, esses filósofos fecham os olhos à luz da verdade<sup>16</sup>.

A ironia e o sarcasmo de Galileu causavam espanto e, em 1616, a Inquisição declarou o heliocentrismo como formalmente herético e Galileu recebeu ordens para abster-se de manter, ensinar ou defender ideias heliocêntricas. Aparentemente obedeceu, mas continuou seus estudos e em 1632 publicou o *Diálogo Sobre os Dois Máximos Sistemas do Mundo*, em que comprovava a teoria heliocêntrica. Foi, então, convocado a Roma para ser julgado por heresia e o processo de inquisição durou de setembro de 1632 a julho de 1633. Talvez porque tenha mantido bom relacionamento com o Papa Urbano VIII e apesar dos apelos do Tribunal e do comissário da Inquisição, foi difícil convencer Galileu de que o processo terminaria sem dificuldades se fizesse uma retratação por meio de um depoimento sincero.

De qualquer modo, porém, foi considerado culpado, e a sentença da Inquisição, emitida em 22 de junho de 1633, foi expressa em três partes essenciais: a) foi considerado veementemente suspeito de heresia e foi obrigado a “abjurar, curar e detestar” essas opiniões; b) foi sentenciado à prisão formal domiciliar; c) “O Diálogo”, considerado ofensivo, foi banido e foram proibidas a publicação de quaisquer de suas obras, mesmo aquelas que ele poderia escrever no futuro.

## c) O Poder

### A ABJURAÇÃO

Tanto Menocchio quanto Galileu, acusados de heresia, precisaram provar arrependimento, por meio de um documento dirigido ao Tribunal do Santo Ofício:

### c.1. A longa abjuração de Menocchio

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Eu, Domenego Seandela, cognominado Menocchio de Montereale, sou cristão batizado, **sempre** vivi como cristão, fiz **sempre** obras de cristão, **sempre** fui obediente aos meus superiores e aos meus pais espirituais tanto quanto eu podia, e **sempre**, manhã e noite, me colocava sob o sinal-da-cruz, dizendo 'em nome do Pai,

---

<sup>16</sup> Fávero, 1890.

do Filho e do Espírito Santo'; eu dizia o pai-nosso e a ave-maria e acredito que sejam, uma oração do Senhor, e, outra, da Nossa Senhora, embora seja verdade que pensei, acreditei e disse, como aparece nas minhas confissões, coisas contra os mandamentos de Deus e da Santa Igreja. Eu disse isso por vontade do falso espírito, o qual me cegara o intelecto, a memória e a vontade, fazendo-me pensar, acreditar e falar no falso e não na verdade e assim eu confesso ter pensado, acreditado, dito o falso e não a verdade, e assim dei a minha opinião, mas não disse que ela é a verdade. Vou dar como exemplo quatro palavras sobre José, filho de Jacó: ele falou com seu pai e irmãos sobre certos sonhos seus que significavam que eles deveriam adorá-lo; os irmãos se puseram a brigar com ele e queriam matá-lo, mas Deus não quis, e então o venderam a uns mercadores do Egito; lá foi para a prisão por causa de uns erros, e depois o rei faraó teve um sonho em que parecia ver sete vacas gordas e sete vacas magras e ninguém sabia interpretar tal sonho. Disseram-lhe que havia um jovem na prisão que saberia interpretá-lo, e assim ele foi retirado da prisão e levado diante do rei; ele lhe disse que as vacas gordas significavam sete anos de abundância e as magras sete anos de carestia. E assim o rei lhe deu fé e o fez príncipe e governador de todo o reino do Egito. Veio a abundância e José se proveu de grão para mais de vinte anos; depois veio a carestia, e não se trocava grão por dinheiro, o que ocorria também em Canaã. Jacó sabia que no Egito vendia-se grão; mandou dez dos seus filhos com seus animais para o Egito. Eles foram reconhecidos pelo irmão, que, com a permissão do rei, mandou alimentar o pai e toda a família com o que tinha de melhor. E assim viveram juntos no Egito, mas os irmãos se arrependiam de tê-lo vendido, e José, vendo-os assim, lhes disse: 'Não foi culpa de vocês, mas vontade de Deus para que eu provesse a nossa necessidade, e fiquem alegres porque eu os **perdo** de todo o coração'. E eu, por ter falado com meus irmãos e pais espirituais, fui por eles acusado e vendido ao grande pai inquisidor, e ele com que me trouxessem a este Santo Ofício, e me puseram na prisão. Mas eu não acho que seja culpa deles, e sim vontade de Deus. Não sei se eles são irmãos ou pais espirituais, mas eu os **perdo** para que assim Deus me **perdoe** da mesma maneira. Deus quis que eu fosse conduzido a este Santo Ofício por quatro razões: primeiro, para que eu confessasse meus erros; segundo, para que eu fizesse penitência por meus pecados; terceiro, para me livrar do falso espírito; quarto, para dar exemplo a meus filhos e a todos os meus irmãos espirituais para que não incorressem nesses erros. Entretanto, se eu pensei, acreditei, falei e fui contra os mandamentos de Deus e da Santa Igreja, estou doente e aflito, arrependido e infeliz e digo 'mea culpa mea masima culpa', e peço **perdão** e misericórdia, pela remissão dos meus pecados, a Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, e também a gloriosa Virgem Maria, a todos os santos e santas do paraíso e a sua santíssima, reverendíssima

e ilustríssima justiça que me perdoe e tenha misericórdia. Eu peço em nome da paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, que não se declare a minha sentença com ira e injustiça, mas com amor, caridade e misericórdia. Os senhores sabem que Nosso Senhor Jesus Cristo foi misericordioso e **perdoou** e **perdoará** sempre: **perdoou** Maria Madalena, que foi pecadora, **perdoou** são Pedro, que o negou, **perdoou** o ladrão, que tinha roubado, **perdoou** os judeus, que o crucificaram, perdoou são Tomé, que duvidou do que viu e quis tocar. Dessa forma eu acredito firmemente que ele me **perdoará** e terá misericórdia de mim. Fiz penitência na prisão escura durante 104 dias, para vergonha, ruína e desespero da minha casa e de meus filhos, mas eu peço aos senhores, pelo amor de Nosso Senhor Jesus Cristo e de sua mãe gloriosa, a Virgem Maria, que a transformem em caridade e misericórdia; não queiram ser a causa da separação da minha companheira e dos filhos que Deus me deu para minha alegria e consolação. Eu prometo assim não incorrer mais naqueles erros, ser obediente a todos os meus superiores e pais espirituais em tudo o que eles me ordenarem e a nada mais. Espero sua santíssima, reverendíssima e ilustríssima sentença como ensinamento do viver como cristão, e assim poder ensinar meus filhos a serem verdadeiros cristãos. Foram estas as causas dos meus erros: primeira, eu acreditava em dois mandamentos, amar a Deus e amar ao próximo, e acreditava que isto bastasse; segunda, por ter lido o livro do Mandavilla, de tantas raças, e tão diversas leis, que me confundiu; terceira, meu intelecto e memória me faziam saber o que não era necessário; quarta, o falso espírito estava sempre me rondando para que eu pensasse o falso e não a verdade; quinta, a discordância que existia entre mim e o nosso pároco; sexta, eu trabalhava muito, ficava fraco e assim não podia cumprir todos os mandamentos de Deus e da Santa Igreja. Faço minha defesa na esperança do **perdão** e da misericórdia, sem ira ou injustiça, e assim a Nosso Senhor Jesus Cristo e aos senhores misericórdia, **perdão**, sem ira ou injustiça. E não levem em conta minha falsidade e ignorância<sup>17</sup>.

A carta foi, como informa Ginzburg, redigida pelo próprio Menocchio, sem auxílio de um advogado, e dá indicação de uma disposição interior posta duramente em palavras: “o próprio aspecto das páginas escritas por Menocchio, com as letras coladas umas às outras, mal ligadas entre si (segundo um tratado contemporâneo de caligrafia) (...) mostra claramente que o autor não tinha muita familiaridade com a escrita”. O moleiro não era um homem letrado, “o que se percebe por alguns sinais que mais parecem talhados na madeira do que traçados sobre o papel”<sup>18</sup>. Essa dificuldade física de expressar-se, porém, não invalida os artifícios retóricos que,

17 Ginzburg, 1987, p. 46 (grifos nossos).

18 Ginzburg, 1987, p. 174.

consciente ou inconscientemente, Menocchio demonstra na elocução. A tônica elocutiva encontra-se na palavra “perdão”. Apesar da enorme digressão ao comparar-se a José, o restante da carta possui uma estrutura nítida: a) afirma que embora tenha sempre vivido como bom cristão, reconhece ter violado os mandamentos de Deus; b) afirma entender essa contradição e a atribui ao “falso espírito” que o levou a crer e a divulgar inverdades; c) compara-se a José com o objetivo de reforçar a ideia da necessidade do perdão; d) ao amplificar a necessidade de um gesto de perdão, compara os juízes a Cristo misericordioso; e) atinge seu objetivo, encaminhado durante todo o processo redacional: implorar o **perdão** dos juízes; f) demonstra ter consciência de seus erros e os enumera para, por fim, prometer obediência estrita aos superiores, pede justiça e **perdão** por sua “ignorância”.

O início da carta, por exemplo, é marcado por uma expressiva figura de presença, a anáfora, que se dá pela repetição de “sempre” (sempre vivi, fiz sempre, sempre fui, sempre me colocava). A fala costumeira de Menocchio era repleta de metáforas, mas, na escrita, elas desaparecem e exploram a comparação e um inescondível desejo de ressaltar o *ethos*. Os verbos iniciais exploram os verbos em primeira pessoa (sou, vivi, fiz, fui, eu podia, me colocava, pensei, acreditei, eu disse, eu confesso, dei) e, evidentemente, ressaltam, no plano da vocalidade, a dimensão do ser para realçar a *areté*, o grau de excelência no exercício de uma capacidade que se possui como própria. Menocchio pretende enaltecer a responsabilidade moral que o guiou durante toda a vida e, assim, mostra suas escolhas éticas (aquelas que se relacionam aos hábitos, às ações e que acentuam os costumes). Esse é um bom argumento para quem, ao reconhecer os seus erros, precisa afirmar as virtudes dianoéticas (aquelas que se relacionam à aprendizagem e exigem experiência e tempo): “eu disse isso por vontade do falso espírito, o qual me cegara a memória e a vontade, fazendo-me pensar, acreditar e falar no falso e não na verdade”<sup>19</sup>.

Note-se, então, que ao enfatizar o ser, Menocchio faz questão de indicar que não tivera poder para, no aspecto racional, controlar sua vontade. Desse modo, negocia o relacionamento e mostra um novo saber que se encontra na consciência de que é necessário praticar a justa medida (*mesotês*) e evitar o excesso e a deficiência. Demonstra, porém, disposição para exercitar o que é correto e, como virtude oratória, procura encerrar uma discussão que o condenava irremediavelmente e pretende, pela contrição, estabelecer uma negociação.

O texto, então, produto da historicidade e da vocalidade, coloca em primeiro plano a prudência e a capacidade de julgar, de avaliar qual a atitude e qual a melhor ação para agradar o auditório e assegurar a finalidade pretendida. Desse modo, Menocchio consegue mostrar três virtudes ligadas ao saber: eloquência, segurança e comedimento. O argumento que promove o *ethos* pareceria adequado se conseguisse demover o auditório da forte impressão de estar diante de um homem com hábitos ligados à teimosia e às atitudes consideradas hereges. *Ethos* é um conjunto de cos-

---

19 Ginzburg, 1987, p. 171.

tumes e hábitos fundamentais no âmbito do comportamento, sobretudo quando o comportamento é regido pela vontade e crença das instituições. Hábitos, portanto, relacionam-se com uma determinada coletividade, época ou região e se conformam ou não às crenças institucionais vigentes.

Menocchio precisava ser enfático e eficaz para livrar-se da pecha de teimoso e incoerente. Esforçava-se para demonstrar seu caráter. Caráter, como afirma Aristóteles<sup>20</sup> é aquilo que mostra escolha (*proairesis*) em uma situação dúbia: aceitação ou recusa. *Ethos*, pois, é manifestação de uma vontade, de uma personalidade, é um índice de qualidades expressas na ação de um sujeito e, como praticava o gênero judiciário, Menocchio optou por, contrariamente à sua prática oral ligada ao *docere*, estimular o apelo à piedade para, assim, comover e comprometer seu auditório: “Os senhores sabem que Nosso Senhor Jesus Cristo foi misericordioso e perdoou e perdoará sempre”<sup>21</sup>. Prossegue, então, com o argumento pelo exemplo e repete cinco vezes a palavra “perdoou”. Vale-se de comparações para colocar os jurados em posição delicada ao associá-los a Cristo e rememorar a inesgotável capacidade de perdão do filho de Deus. De modo sutil, compara-se a José para, pela amplificação e exemplo, colocar-se como vítima inocente e, sobretudo, para deixar entrever que é, como José, um homem capaz de revelar verdades que eram desconhecidas pelos outros. Como praticava o gênero judiciário, Menocchio sabia que deveria conquistar a benevolência do auditório no final do julgamento. Opta, então, por reforçar o *pathos* e demonstrar reverência extremada, mas a elaborada elocução demonstrada na carta não conseguiu convencer seus algozes.

Menocchio foi condenado “a abjurar publicamente todas as suas heresias, a cumprir várias salutares penitências, a vestir para sempre um hábito marcado com a cruz, em sinal de penitência, e a passar no cárcere, à custa dos filhos, o resto de sua vida”<sup>22</sup>. Permaneceu no cárcere quase dois anos e, em 18 de janeiro de 1586, apresentou nova carta que, como afirma Ginzburg, foi redigida com o auxílio de um advogado:

Embora eu, pobre Domenego Scandella prisioneiro, tenha outras vezes suplicado ao Santo Ofício da Inquisição, se era digno de sua graça, que me permitisse fazer melhor a penitência pelos meus erros, retorno agora, forçado pela extrema necessidade, a implorar-Ihes que levem em consideração que já se transcorreram três anos desde que eu deixei minha casa e fui condenado a tão cruel prisão. Eu não sei como não morri pela impureza do ar, impedido de poder ver minha querida mulher por causa da distância, ocupada com a família, com os filhos que por causa de sua pobreza foram obrigados a me abandonar, e então eu necessariamente vou

20 Aristóteles (Poét., livro VI, 1540b8-10), 1979.

21 Ginzburg, 1987, p. 173.

22 Ginzburg, 1987, p. 181.

acabar morrendo. Portanto, arrependido e sofrendo por tantos pecados, peço perdão, primeiro ao senhor Deus, em seguida a este Santo Tribunal, e lhes peço a graça de me libertar. Comprometo-me a lhes dar garantias idôneas de viver nos preceitos da Santa Igreja romana como também de fazer as penitências que este Santo Ofício me impuser, e peço a Nosso Senhor toda a felicidade para os senhores<sup>23</sup>.

São sensíveis as estereotipadas expressões de humildade e o estilo, mais conciso e preciso, é construído como uma súplica por misericórdia. A abundância de apelos emocionais resume-se em um só argumento: *ad misericordiam*. Os inquisidores, por fim, consideraram que Menocchio sofrera autêntica conversão e deram nova sentença: cárcere perpétuo em Montereale, proibição de lá se afastar, proibição expressa de falar ou de mencionar suas ideias perigosas, dever de confessar-se com regularidade, usar sobre a roupa o hábito com a cruz para sinalizar sua infâmia.

Menocchio, porém, não se corrigiu nem abdicou de suas ideias. Quando perguntado se ainda tinha dúvidas sobre as questões pelas quais fora condenado, admitiu: “Muitas fantasias me passaram pela cabeça, mas eu nunca prestei muita atenção e nem sequer ensinei o mal a alguém”<sup>24</sup>. Preso novamente, escreveu nova carta: “E não quero pensar nem acreditar a não ser no que a Santa Igreja acredita e fazer o que me ordenarem os padres e meus superiores”<sup>25</sup>. Nada, porém, conseguia conter a língua de Menocchio, que se tornara “um membro infectado do corpo de Cristo”<sup>26</sup>. Por ordem expressa de Clemente VIII, Menocchio foi executado por volta de 1601. O moleiro, com sua loquacidade, tentou manipular os sentimentos do tribunal da Inquisição, mas seu *ethos* o derrotou definitivamente.

## c.2. A contida abjuração de Galileu:

Eu Galileu, filho de Vincenzo Galileu de Florença, com idade de setenta anos, constituído pessoalmente em juízo, e ajoelhado diante de Vossas Eminências e Reverendíssimos Cardeais, em toda a República Cristã Inquisidores contra a herética maldade geral, tendo diante dos meus olhos os sacrossantos Evangelhos, os quais toco com as próprias mãos, **juro** que sempre **acreditei**, **creio** agora, e com ajuda de Deus **crerei** para sempre, tudo que tem, predica e ensina a Santíssima Católica e Apostólica Igreja. Da parte deste Sto. Ofício, por haver eu, depois de ter sido preceituado pelo mesmo e juridicamente intimado que totalmente deveria abandonar a falsa opinião de que o Sol seja o centro do mundo e que não se mova e

23 Ginzburg, 1987, p. 182.

24 Ginzburg, 1987, p. 197.

25 Ginzburg, 1987, p. 205.

26 Ginzburg, 1987, p. 422.

que a terra não seja o centro do mundo e que se mova, e que não pudesse adotar, defender nem ensinar em qual seja o modo, nem em voz nem em escrita, a dita falsa doutrina, e depois de me ser notificado que a referida doutrina é contrária às Sagradas Escrituras, escrito e entregue a editor um livro no qual trato da mesma doutrina já danada e aporto razões com muita eficácia a favor da mesma, sem aportar qualquer solução, **fui julgado veementemente suspeito**, isto é de haver adotado e acreditado que o Sol seja o centro do mundo e imóvel e que a Terra não seja o centro e que se mova. Portanto, querendo eu retirar da mente de Vossas Eminências e de qualquer fiel cristão esta veementemente suspeição, justamente por mim concebida, com o coração sincero e fé não fingida **abjuro**, maldigo e detesto os citados erros e heresias, e genericamente todo e qualquer outro erro, heresia ou seita contrária à Sta. Igreja, e **juro** que no futuro não direi nunca mais nem afirmarei, em voz ou escrito, tais coisas pelas quais se possa ter de mim qualquer suspeição; mas se conhecer algum herético ou que seja suspeito de heresia o denunciarei a este Sto. Ofício, ou ao Inquisidor ou autoridade do lugar, onde me encontrar. **Juro** também e prometo cumprir e observar inteiramente todas as penitências que me forem ou venham a ser estabelecidas deste Sto. Ofício; e contrariando a alguma das minhas promessas e juramentos, que Deus não queira, me submeto a todas as penas e castigos que são previstos pelos cânones sagrados e outras constituições gerais e particulares contra símiles delitos impostos e promulgados. Assim, Deus me ajude e também estes seus santos Evangelhos que toco com as próprias mãos. Eu Galileu Galilei referido **abjurei, jurei** e prometi e estou obrigado como acima; e em fé verdadeira, de minha própria mão subscrevi a presente obrigação de minha abjuração, recitando-a, de palavra em palavra, em Roma, no convento da Minerva, neste dois de junho de 1633. Eu Galileu abjurei como acima referido, de própria mão<sup>27</sup>.

Galileu era um homem culto, já escrevera muito antes da redação da carta para a Inquisição. Já havia sido acusado de heresia em 1616. Teimoso e obstinado, recebeu uma nova intimação, em setembro de 1632, para se apresentar em Roma para se submeter a interrogatório. Compareceu apenas em 15 de janeiro de 1633 e esse gesto deixou os inquisidores muito irritados. O que se nota na abjuração acima é um estilo contido, formal, que pode ser resumido em poucas palavras: **juro, abjuro e creio**. Com certa ironia, Galileu repete duas vezes o que deve negar:

(...) por haver eu, depois de ter sido preceituado pelo mesmo e juridicamente intimado que totalmente deveria abandonar a falsa opinião de que o Sol seja o centro do mundo e que não se mova e que a terra não seja o centro do mundo e que se mova,

27 Baiard, Santos e Rodrigues, 2012, p. 206 (grifos nossos).

e que não pudesse adotar, defender nem ensinar em qual seja o modo, nem em voz nem em escrita, a dita falsa doutrina, e depois de me ser notificado que a referida doutrina é contrária às Sagradas Escrituras; [...] (...) fui julgado veementemente suspeito de heresia, isto é de haver adotado e acreditado que o Sol seja o centro do mundo e imóvel e que a Terra não seja o centro e que se mova<sup>28</sup>.

Não se percebe qualquer arrependimento e Galileu é muito claro: “depois de ser juridicamente intimado”, “fui julgado **veementemente suspeito** de heresia”, “depois de me ser notificado que a **dita** falsa doutrina...”<sup>29</sup>.

As acusações recordavam que Galileu não cumprira o que prometera em 1616 e, por isso,

a fim de que este teu grave e pernicioso erro e transgressão não fique de todo impunido, e seja mais cauto no futuro e exemplifique a outros que se abstenham de símile delito, ordenamos que por público édito seja proibido o livro Diálogo de Galileu Galilei. Te condenamos ao cárcere formal neste St. Ofício ao arbítrio nosso; e por penitência salutar te impomos que por três anos a partir de agora uma vez por semana leias os sete Salmos penitenciais; reservando-nos a faculdade de moderar, modificar, ou suspender em todo ou em parte as referidas pena e penitência<sup>30</sup>.

Condenado, Galileu viveu recluso em sua casa no campo até sua morte.

## Considerações finais

A eficácia retórica se consolida quando o orador consegue imprimir ao dizer, por meio da elocução, o seu poder de influência. Por isso, praticar a retórica é, com o auxílio forte da percepção, entender, pelo intelecto, que podemos moldar eventos nos cérebros uns dos outros com primorosa precisão. Razão e emoção, então, se digladiam em nós e nosso agir encontra-se imerso em discursos sociais que tentam se conformar ao bem viver em paz com os outros e com nosso interior. Julgamos e constantemente somos julgados por nossos atos e, ao longo dos anos vividos, sempre e cada vez mais, entendemos que há em nós, um espaço do pensar e um espaço do sentir.

Nesse espaço se produzem os discursos sociais que insistem em promover uma divisão estanque entre um demonstrar científico friamente racional e um revelar menos rígido e mais próximo das modalidades do desejo. O auditório, quer sejamos nós mesmos os ouvintes de nosso interior ou um outro, externo a

---

28 Baiard, Santos e Rodrigues, 2012, p. 206.

29 Baiard, Santos e Rodrigues, 2012, p. 206 (grifos nossos).

30 Baiard, Santos e Rodrigues, 2012, p. 206.

nós, assume papel de protagonista quando se vê envolvido em conflitos humanos que solicitam assumir pontos de vista e a sustentá-los para encerrar uma questão que não se submete a esquemas linguageiros ou formais característicos da argumentação, embora assim pareça ser no final.

Assim, o orador pode, pela *elocutio*, provocar paixões disfóricas ou eufóricas por meio de sua capacidade de levar o outro a aderir, recusar, completar, modificar, calar-se, aprovar, reprovar, demonstrar interesse ou desinteressar-se por um evento do mundo que requer uma posição estética, deliberativa ou judiciária e a intensidade de qualquer uma dessas ações é sempre estabelecida pela força persuasiva provocada pelo orador.

## Referências

ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Arte Poética**. Introdução Godofredo Telles Junior. Tadução por Antonio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Editora Ediouro-Tecnoprint, 1979.

BAIARD, Amílcar; SANTOS, Alex Vieira dos; RODRIGUES, Wellington Gil. Processos cavilosos, sentença vingativa e abjura humilhante: o caso Galileu. *In: Cadernos de História da Ciência*, Instituto Butantan, Vol. VIII, n. 2, Jul/Dez 2012, p. 189-210.

CORBETT, Edward P.J.; CONNORS, Robert J. **Retórica Clássica para o estudante Moderno**. CEDET: Campinas, SP, 2002, p. 463.

FÁVERO, Antonio. **Le Opere di Galileo Galilei**. Edizione Nazionale. [The Works of Galileo Galilei. National Edition, in Italian]. Florence: Barbera ed., 1890-1909. Disponível em Processo de Galileu Galilei – fragmento citado disponível em Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org).

FERREIRA, Luiz Antonio. Atos retóricos: do medo e da confiança. *In: GOMES, Acir de Matos, MAGALHÃES, Ana Lúcia, ABUCHAIM, Cláudia Borragini (org). O Suscitar das Paixões: a retórica de uma vida*. São Paulo: Blucher, 2021, p. 100.

FERREIRA, Luiz Antonio. **Leitura e Persuasão** – princípios de análise retórica. São Paulo: Contexto, 2010, p. 116.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Tradução por Betania Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SCOTT, Peter. **Galileu Galilei**: A curiosa vida de um dos maiores gênios da história. Editora Book Brothers, 2019, Edição Kindle.